



## UM DIA ELE APARECEU ESCRREVENDO Pr. Harry Tenório

(João 8.2-5) – “De madrugada Jesus tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; **E, pondo-a de pé no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando.** E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?”

### Introdução

Sob a ótica da lei judaica nos tempos de Jesus, o adultério era um pecado com significados diferentes para homens e mulheres. Se um homem casado tivesse relações sexuais com uma mulher solteira e descomprometida, não era culpado de adultério; mas se uma mulher casada as tivesse com qualquer homem que não fosse seu marido, era culpada de adultério e seria apedrejada até a morte, se fosse descoberta. Quanto às solteiras, as que respeitassem a lei não tinham permissão para manter relações sexuais antes do casamento, e sua abstinência era fiscalizada pela família.

O acesso sexual a uma jovem era um bem de família, e aquele que o roubasse corria o risco de enfrentar represália mesmo que o ato se realizasse com o consentimento da jovem. Mas o maior risco era, de longe, o dela. A noiva que não produzisse prova de sangue da sua virgindade nas núpcias podia ser apedrejada até a morte. Um homem só corria risco de vida se a mulher com quem houvesse dormido fosse casada ou comprometida com outro homem, e quando fosse pego no ato por duas testemunhas oculares.

Prova circunstancial não era suficiente para acusar um homem ou uma mulher de adultério. Porém, aqui também havia um peso de duas medidas. Na ausência de uma acusação formal ou de um testemunho ocular, o homem que suspeitasse da sua esposa poderia levá-la ao sacerdote, que a mandaria beber “a água da amargura”, água misturada com areia do chão do templo. Se fosse culpada sofreria dolorosa infecção urinária – e diria: “Amém, amém”, confessando sua culpa. Neste ponto cairia sob a maldição do adultério e poderia ser morta (Nm 5.12-31). Nenhuma lei previa que se a mulher suspeitasse do marido pudesse levá-lo a beber a “água da amargura”.

O marido traído não tinha direito de comutar a sentença de morte por outra de menor intensidade. O adultério era um pecado imperdoável.

Hoje, culto de Santa Ceia, estamos diante de um quadro propício a adoração e gratidão pelo que Jesus realizou para nos libertar do pecado e da nossa lavrada sentença de morte. Por isto, o texto escolhido nos levará ao julgamento de uma mulher pega em adultério.

## 1 – A mulher era culpada ou não?

### Uma pergunta óbvia a esta questão é: “Afim, a mulher era inocente ou culpada?”

Não se pede a Jesus que decida. Os escribas e fariseus apresentaram-na como inquestionavelmente culpada. Supostamente ela era uma mulher que fora pega literalmente no ato de adultério. Mas eles estavam mesmo dizendo a verdade? Não seria uma acusação falsa apenas para saber se Jesus conseguiria enxergar este imbróglio, esta peça teatral muito atrapalhada?

Proibida sua reprodução parcial ou total sem a devida autorização.



Nós podemos encontrar indícios históricos disto pelo fato de Jesus começar a escrever no chão. Do chão, é preciso apenas um pequeno passo para escrever na parede. Talvez não tivesse escrito na parede porque não houvesse parede ali. O que Jesus pode estar pretendendo trazer à mente dos escribas, homens com vida dedicada ao estudo das Escrituras, talvez seja a cena do livro do profeta Daniel. Ali alguns escritos aparecem sendo escritos na parede, durante a festa promovida por Belsazar, um monarca Babilônico amaldiçoado. Se as palavras escritas por Jesus no chão são equivalentes as famosas palavras aramaicas **“mene, mene, tequel e parsim”** de Daniel 5 (cuja tradução é: CONTOU DEUS O TEU REINO E O ACABOU. PESADO FOSTES NA BALANÇA E ACHADO EM FALTA), então pode ter vindo logo à mente dos escribas o fato de Daniel ter resgatado uma mulher falsamente acusada de adultério (Daniel 13 – **apêndice apócrifo ao livro do profeta**). Dois dos mais respeitados anciãos se esconderam no jardim da casa de Susana, uma mulher muito bela, esposa de um rico famoso chamado Joaquim. Casualmente os anciãos pegaram-na na hora do banho, e tentaram convencê-la de ter relações com eles. Recusando, foi acusada pelos dois anciãos de manter relações com um jovem àquela hora. Na hora da aplicação da sentença de morte, Deus teria revelado ao menino Daniel que tudo não passava de uma terrível calúnia, tendo livrado Susana da morte com aquela revelação.

Para escrever no chão será necessário agachar-se e olhar para baixo, mas Jesus pode ter tido uma segunda razão. Durante o julgamento de uma mulher apanhada em adultério, o véu e as roupas de cima eram arrancadas de forma humilhante, e parece que isto deva ter acontecido conforme descrito em João 8.3 - **“Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos...”**. Eles pareciam querer uma exposição humilhante da pobre, indefesa e fragilizada mulher. Talvez este fosse o motivo pelo qual Jesus tenha olhado para baixo, evitar constrangimentos acessórios a pobre mulher.

Se com base no apêndice apócrifo e nas coisas que Jesus escreveu na terra propusemos uma possível calúnia, encontramos nas escrituras um indício muito forte de que aquela mulher de fato era culpada, mediante ao que Jesus pediu-lhe após livrá-la da condenação: **“Vá e não peques mais”** (Jo 8.11b). Outras questões agora se levantam. Se esta é a opção correta e conclusiva, Deus estaria mudando? Não fora ele próprio quem instituiria o apedrejamento a adúltera na lei dada a Moisés? E se foi assim por que não a estaria aplicando a lei?

## 2 – Sua misericórdia é maior que sua justiça

É surpreendente o fato de que Ele tenha resolvido não condená-la, nem mesmo quando os dois estão a sós após a retirada daquela pequena multidão de acusadores. Embora nada tivesse dito para afirmar sua inocência, de forma exemplar e nova livrou a vida daquela mulher da morte.

Deus havia mudado e estava criando um novo padrão na bíblia?

Sua misericórdia sempre foi maior do que suas ações de correção e justiça. De acordo com Êxodo 34.6-7 – **“O Senhor é compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade, que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocente o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos, e nos filhos dos filhos, até a terceira e a quarta geração”**.

Proibida sua reprodução parcial ou total sem a devida autorização.



O padrão usado por Jesus foi o mesmo utilizado por José conforme descrito no livro de Gênesis com o seu meio irmão Judá, que teve a nefasta idéia de vendê-lo aos ismaelitas como escravo, ainda muito jovem, por vinte moedas de prata. O triunfo da misericórdia sobre a justiça vem quando Judá, não reconhecendo José já crescido, oferece a si próprio como seu escravo em troca da liberdade de Benjamim, irmão de José (Gn 45.1-3). Tocado pela coragem despojada do coração de Judá, José o poupa quando, de acordo com a lei, deveria tê-lo matado. Nossas atitudes podem definir o padrão de misericórdia de Deus, mesmo que para isto ele se utilize de uma maneira completamente nova.

Portanto, Deus não estava mudando, o que estava acontecendo ali era sua misericórdia sufocando e anulando sua justiça. Ainda que não a tenha inocentado a moça, ela saiu sem sua suposta justa condenação. De certa forma, toda aquela exposição e a dor da humilhação já eram um forte castigo para o pecado de adultério.

### **3 – Jesus estabelece um novo padrão de julgamento**

João 18.31 afirma que, sob a ocupação romana, as autoridades judaicas haviam sido impedidas de aplicar a pena de morte. Supondo que Jesus houvesse aplicado a pena de morte aquela mulher, teria infligido às leis de Roma. Mas se diz que aquela mulher deveria ser levada às autoridades romanas ou poupada, estaria infligindo à lei de Moisés.

Os escribas e fariseus, protegendo-se contra os romanos não dizem:

- ✓ “Junte-se a nós neste apedrejamento”
- ✓ “Nós achamos que ela deva ser apedrejada. O que você acha?”

Se seus oponentes foram sagazes, Jesus foi sutil. Ele produziria uma sentença de juízo interior antecipado, e por isto, todos teriam que se retirar, deixando Jesus em condição favorável com a pobre moça para limpá-la do seu grave pecado.

(Mateus 7.5) – **“Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão”.**

Ele autoriza que atirem a primeira pedra. Normalmente o marido estaria livre de ser o primeiro, segundo a tradição esta função caberia ao que viu primeiro. Sua condição, no entanto, seria letal à consciência dos acusadores: “O que não tiver pecados, atire a primeira pedra”.

Um novo padrão de juízo é oferecido por Jesus: “Tenho que julgar a mim, e este é o único e perfeito juízo que tenho que praticar”.

Nesta noite de Ceia, antes de comermos o pão e bebermos o vinho em memória do que ele fez na cruz por nós, vamos gastar alguns minutos pensando nestas coisas.

- ✓ Quantas horas gastas escandalizados com a vida dos outros, quando não limpamos a nossa.
- ✓ Quantos constrangimentos produzidos com acusações levianas, quando temos feito coisas mais graves do que os que nós acusamos.
- ✓ Quanta falta de crescimento porque cuidamos muito da vida alheia, e pouco da nossa.

Proibida sua reprodução parcial ou total sem a devida autorização.



- ✓ Quantas almas perdidas para o inimigo porque chegando o pecador na igreja, esta não foi misericordiosa com ele.
- ✓ Quantos membros perdidos em igreja por causa de fuxicos, intrigas e acusações.

Antes de ceiar reflita...

Proibida sua reprodução parcial ou total sem a devida autorização.